

A ÁRVORE DA VIDA: TERMINOLOGIA DA CERA DE CARNAÚBA NO PORTUGUÊS DO BRASIL

ANTÔNIO ROBERTO FERREIRA ARAGÃO

CENTRO FEDERAL DE EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA DO CEARÁ, AV. 13 DE MAIO, 2081-
BENFICA – CEP 60040-531-FORTALEZA-CE – FONE 85 3307 3674 – FAX: 85 3307 3711 –

robertoaragao@cefetce.br

RESUMO

O presente trabalho objetiva descrever e analisar o vocabulário especializado da cadeia produtiva da cera de carnaúba em Caucaia, município pertencente à zona metropolitana de Fortaleza. Para tanto, consideram-se dois campos conceituais: o domínio referente à produção artesanal e a área relacionada à produção industrial da cera. Com base nesses dados, elaborou-se um glossário com 321 termos representativos do discurso oral dos 34 informantes relacionados ao referido vocabulário especializado. O trabalho segue uma perspectiva socioterminológica e socioterminográfica, levando-se em consideração aspectos lingüísticos e sociais dos indivíduos envolvidos. A pesquisa justifica-se pela necessidade de sistematização e de organização dos termos provenientes da terminologia especializada em foco, oferecendo à sociedade em geral, informações específicas sobre a área. Contribui, outrossim, para o enriquecimento dos trabalhos em Socioterminologia, com enfoque na modalidade oral da língua, que continua pouco estudada. Nesse sentido, realiza-se a análise da variação terminológica, segundo a qual a escolha dos termos e de suas variantes pelos informantes é determinada pelas condições de produção do discurso desses informantes. A análise é, preferencialmente, qualitativa, descrevendo-se aspectos morfosintáticos e léxico-semânticos da referida terminologia.

Palavras-chave: Socioterminologia, socioterminografia, língua especializada.

1. INTRODUÇÃO

Neste artigo¹, realiza-se um estudo descritivo do vocabulário especializado referente à cadeia produtiva da cera de carnaúba em Caucaia², considerando-se os dois processos de produção da cera, quais sejam: a produção artesanal (doravante PAC) e a produção industrial (doravante PIC), com vistas à elaboração de um glossário referente a esse campo do saber. Em sentido mais amplo, o referido trabalho objetivou registrar, descrever e analisar o vocabulário especializado que caracteriza esses dois processos de produção da cera de carnaúba, contemplando aspectos socioterminológicos e socioterminográficos.

Entre os trabalhos de natureza socioterminológica, reconhecem-se: Ferreira (1997), Vasconcelos (2000), Velasco (2003), Justiniano (2005). Outros, entre os quais: Gambier (1987), Colletta (1993) e Lerat (1993), têm enfatizado a descrição e a análise de fontes provenientes da língua escrita. E outros, ainda, Delavigne (1995), Silva M. (2007), embora, constituídos por *corpora* de língua falada e, também, de língua escrita, privilegiam esta, em detrimento daquela.

¹ Parte integrante da tese de doutorado em Lingüística, intitulada “A Árvore da vida: Terminologia da cera de carnaúba no português do Brasil”, apresentada à Universidade Federal do Ceará, no dia 28 de novembro de 2007.

² Caucaia, município do Estado do Ceará, faz parte da zona metropolitana de Fortaleza.

A análise socioterminológica possibilita registrar “dizeres” do léxico especializado em foco, ainda não estudados, sobretudo, do ponto de vista de sua forma oral, destacando, principalmente, o plano vertical da língua³. Contribui, outrossim, para o estudo descritivo de seus aspectos lingüísticos e sócio-profissionais⁴.

Nessa perspectiva, elaborou-se um glossário de termos representativos da cadeia produtiva da cera de carnaúba, em Caucaia. Para tanto, apoiamo-nos, sobretudo, nos princípios postulados por Gambier (1987), Boulanger (1991), Gaudin (1993), Delavigne (1995) e Faulstich (1995).

A carnaúba, árvore da família das palmeiras, cujo nome científico é *copernicia prunifera*, é popularmente chamada de carnaubeira, carnaíba, carnaíva, carnaúva, carandaúba. Planta típica do nordeste brasileiro, predominante nos Estados do Ceará, Piauí e Rio Grande do Norte, é fonte de riqueza econômica para esses estados, sendo, portanto, geradora de renda para muitos de seus habitantes.

Devido a sua importância comercial, a carnaúba é considerada a “Árvore Símbolo do Ceará”⁵, pois dessa palmeira, tudo pode ser aproveitado. Por desenvolver-se numa região tão árida, a carnaúba é, também, conhecida como a “árvore da vida”, pela sua resistência tanto à chuva quanto à seca. Palmeira de tronco único, de 7 a 10 metros de altura, podendo, excepcionalmente, atingir 15 metros, com tronco reto e cilíndrico, possui entre 15 e 25 centímetros de diâmetro e tem vida produtiva de 200 anos. Atinge a sua maturidade com aproximadamente 10 anos, estando pronta para a colheita de suas folhas e palhas para extração do pó e conseqüentemente produção da cera de carnaúba.

Tudo pode ser aproveitado da carnaúba, de suas folhas e palhas é extraído o pó cerífero, que a partir de processos artesanais ou industriais transforma-se em cera, principal matéria-prima da carnaúba. Há produtos obtidos através da cera de carnaúba que fazem parte da indústria farmacêutica, funcionam como revestimentos para alguns medicamentos e anti-inflamatórios. Há outros, fabricados no âmbito da indústria de cosméticos como: batons, esmaltes, sabonetes, sabão entre outros; também na indústria alimentícia, a cera de carnaúba pode transformar-se em doces e chicletes.

Reconhecem-se, ainda, outros produtos que utilizam a cera, tais como: fio dental, tintas em geral, tintas para impressoras, velas, lápis de cera, plásticos, cera para polimento de (carros, pisos, móveis, couro), papel carbono, graxas de sapato, vernizes, isolantes, material eletrônico, discos, fósforos, embalagens para alimentos, filmes plásticos, lubrificantes, produtos de limpeza entre outros. Ressalta-se que o Brasil é o único país do mundo produtor de cera de carnaúba.

O glossário de natureza socioterminológica, representativo da cadeia produtiva da cera de carnaúba, é útil para a sociedade em geral, visto que, além de oferecer informações específicas, atualizadas, organizadas e sistematizadas no âmbito do referido vocabulário especializado, oferece, também, base terminológica para glossário multilíngüe. Essas informações técnicas são disponibilizadas, principalmente, a não-especialistas, visando contribuir para a expansão do conhecimento na área. Cumpre ressaltar, outrossim, que esta pesquisa proporciona a descrição de todas as etapas do processo produtivo da cera de carnaúba, com ênfase na produção artesanal, fato que merece atenção, por estar esse processo em vias de desaparecimento. Atualmente, a cera está sendo fabricada, em maior escala de produção, na refinaria, por meio de processos industriais.

³ O plano vertical da língua é representado pelas variações sócio-culturais ou diastráticas.

⁴ São considerados os aspectos morfossintáticos, além dos semânticos tais como: a homonímia, hponímia, hiperonímia e sinonímia. Entre os aspectos sócio-profissionais destacam-se: a idade, o sexo, o nível de instrução e o tipo de atividade desenvolvida pelos indivíduos no âmbito da cadeia produtiva da cera de carnaúba.

⁵ Através da Assembléia Legislativa do Ceará e, sobretudo, por iniciativa do decreto nº 27. 413, de 30 de março de 2004, o governador, na época, o senhor Lúcio Alcântara, instituiu a carnaúba, a “Árvore Símbolo do Ceará”.

2. FIXAÇÃO DE UM CAMPO DE ESTUDOS: A SOCIOTERMINOLOGIA

O desenvolvimento dos estudos comunicativos no âmbito da Terminologia, assim como a grande influência exercida, principalmente, pela Dialetoлогия e pela Sociolingüística, representaram fatores culminantes para o surgimento da Terminologia Variacionista ou Socioterminologia. A Socioterminologia origina-se em reação à Teoria Geral da Terminologia (TGT) que privilegiava um modelo de padronização das línguas especializadas, baseado na monossema e na monorreferencialidade dos termos. Os postulados defendidos pela TGT ignoram a variação denominativa e conceitual, desconsiderando, por exemplo, a sinonímia e a homonímia, que são características inerentes a todas as línguas especializadas.

Assim, a pesquisa socioterminológica considera que os termos, no meio lingüístico e social, são entidades passíveis de variação e de mudança. Além disso as comunicações entre membros da sociedade são capazes de gerar conceitos interacionais para um mesmo termo, ou de gerar termos diferentes para um mesmo conceito. O principal objetivo da pesquisa em Socioterminologia é a descrição e análise das variantes terminológicas⁶.

Por sua vez, a Socioterminografia representa a parte prática da Socioterminologia, responsável pela elaboração de glossários, dicionários, repertórios e bancos de dados socioterminológicos. No âmbito da elaboração de glossários socioterminológicos, cabe à Socioterminografia, o trabalho de levantamento e registro dos termos em circulação real, ou seja: quem fala? O que fala? Onde fala? E para que fala? As línguas especializadas são provenientes de esferas profissionais ou científicas muito heterogêneas e utilizadas por diferentes indivíduos no âmbito de suas interações discursivas.

3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Optamos, preferencialmente, por um *corpus* de língua falada representativo do léxico especializado utilizado pelos trabalhadores da cadeia produtiva da cera de carnaúba, em Caucaia, no Estado do Ceará. A constituição do *corpus* fez-se por meio da aplicação de um questionário que foi lido para cada um dos 34 (trinta e quatro) entrevistados⁷.

3.1. Critérios Para Seleção Dos Informantes

Ser morador da cidade há pelo menos 2 (dois) anos; trabalhar direta ou indiretamente no âmbito da cadeia produtiva da cera de carnaúba há pelo menos 1 (um) ano; faixa etária: entre 18 (dezoito) e 75 (setenta e cinco) anos; sexo: masculino e feminino; escolaridade: não-alfabetizado; com nível de escolaridade: fundamental, médio e superior;

3.2. Perfil Dos Informantes

Os sujeitos que constituíram o universo da pesquisa pertencem a faixa etária, classe social e nível de escolaridade diferentes, entre eles destacam-se: os indivíduos que desempenham atividades artesanais, na produção do pó cerífero e na produção da cera de origem: o rendeiro, o fornecedor de pó cerífero, o produtor de cera, os trabalhadores do corte das folhas do olho, das palhas, do carregamento, da secagem e extração do pó cerífero, do cozimento e da prensagem da cera de carnaúba: cortador, aparador, amarrador, estendedor, comboieiro, lastreiro, baganeiro, cortador de palha, enfeixador de palha, cozinhador de pó branco, caldeireiro, borreiro.

⁶ As variantes terminológicas lingüísticas podem ser subdivididas em fonéticas, morfológicas, gráficas, lexicais e sintáticas. As variantes terminológicas de registro classificam-se em sócio-profissionais, geográficas, discursivas e temporais.

⁷ Os questionários foram lidos, em virtude da falta de domínio da escrita pelos informantes.

Os sujeitos que desenvolvem atividades industriais: os compradores de pó cerífero, operadores de cera, operadores do filtro, operadores de solvente, clareadores, escamadores, quebradores de cera, técnicos, refinadores, exportadores, beneficiadores, fornecedores, vendedores, agrônomos, químicos.

3.3. Critérios Para A Organização De Termos Na Microestrutura

No que diz respeito à microestrutura do glossário adotamos o modelo a seguir:

TERMO-ENTRADA + CATEGORIA GRAMATICAL + TRANSCRIÇÃO GRAFEMÁTICA ± VARIANTE(S) ± TRANSCRIÇÃO GRAFEMÁTICA DAS VARIANTES MORFOSSINTÁTICAS + DEFINIÇÃO + CONTEXTO (FONTE) ± REMISSIVA(S) ± NOTA(S).

a. Termo-entrada

Aparece escrito em negrito, com letras maiúsculas, separado do enunciado terminográfico, a grafia obedece à regularidade ortográfica da língua portuguesa do Brasil. Pode ser constituído de sigla ou de um ou mais termos, apresenta-se em forma lematizada, em que o substantivo e o adjetivo podem aparecer no masculino ou no feminino singular, os verbos, por sua vez, apresentam-se no infinitivo.

b. Referências gramaticais

Apresentam-se abreviadas em letras minúsculas. A indicação da categoria gramatical dos termos é um elemento obrigatório, sendo representada pelas seguintes abreviaturas: s.: substantivo; m.: masculino; f.: feminino; adj.: adjetivo; v.: verbo; sig.: sigla.

c. Transcrição grafemática

Faz-se o registro da forma como o termo entrada é realizado pelo informante.

d. Indicação das variantes morfossintáticas

O termo entrada pode apresentar mais de uma variante morfossintática. No glossário, as variantes morfossintáticas aparecem em letras minúsculas e em negrito, elas representam as formas como os informantes utilizam os termos, em suas interações discursivas no local de trabalho.

e. Transcrição grafemática das variantes morfossintáticas

Faz-se o registro da forma como as variantes morfossintáticas são realizadas pelos informantes.

f. Definição

Adota-se, preferencialmente, a definição por compreensão, porque é mais adequada para a identificação e construção dos conceitos terminológicos. Em relação aos enunciados definitórios consideram-se os passos estabelecidos por Desmet (2002), segundo a referida autora, há três possibilidades: reproduz-se um contexto definitório, quando não há uma definição formalizada; reproduzem-se definições formais, quando são fornecidas pelo *corpus*; redigem-se definições, a partir do conjunto das informações definitórias recolhidas.

Algumas definições, realizadas no âmbito do glossário de termos da cadeia produtiva da cera de carnaúba, pertencem ao modelo aristotélico. Isso ocorreu, principalmente, em todas as definições dos substantivos referentes aos tipos de cera de carnaúba, tanto da produção artesanal, como industrial. Para a definição dos verbos utiliza-se um outro verbo que mantém com o primeiro uma relação de sinonímia. A definição dos adjetivos segue o modelo

hiperonímico, proposto por Biderman (1993), segundo o qual, a definição ocorre através do estabelecimento de uma relação. Os adjetivos do glossário são definidos por meio da locução prepositiva: referente à.

g. Contexto

O contexto informa sobre as características essenciais do termo. No glossário, esse campo é registrado em itálico, com a transcrição parcial de trechos dos discursos dos informantes, em que o termo entrada realiza-se no contexto. O termo contextualizado apresenta-se em itálico e em negrito. Considera-se o contexto conforme estabelecido por Dubuc (1985) que apresenta três tipos de contextos:

- o contexto definatório que não representa uma definição propriamente dita, mas aponta para a noção subjacente ao termo;
- o contexto explicativo que dá indicações da natureza funcional do termo;
- o contexto associativo que não apresenta descritores do termo, mas situa-o dentro de um campo e mostra as relações com outros termos.

h. Indicação das variantes co-ocorrentes ou remissivas

Processo que remete uma informação de um ponto para outro, surge no âmbito da microestrutura, mas afeta diretamente a macroestrutura. O emprego de remissiva é utilizado para relacionar um termo a outro, sendo indicado por Ver.

i. Notas explicativas

Podem ser de caráter enciclopédico e/ou lingüístico. As notas enciclopédicas expressam informações gerais e específicas sobre os processos de produção da cera de carnaúba, em Caucaia. Utilizamos, preferencialmente, notas enciclopédicas. O glossário de termos da cadeia produtiva da cera de carnaúba apresenta 321 termos, dos quais 155 estão relacionados à produção artesanal e 166 à produção industrial. Apresentam-se a seguir alguns verbetes:

AMARRADOR s. m.

Transc. graf. **Amarradô**.

Trabalhador responsável pela separação e amarração das folhas e palhas da carnaúba em feixes.

*Aí quandu ramu dizê inté cum oitu dias si fô muito aí vem u **amarradô** amarra i mói' a máquina roi i corta aí faz u pó aí cozinha pá fazê a cêra, (PAC – JSM – m59FICA).*

Ver: **botador de feixe, feixeiro, imbireiro**.

Nota: O amarrador utiliza a imbira para amarrar os feixes de folhas e palhas da carnaúba.

BAGACEIRO s. m.

Transc. graf. **Bagacêru**.

Trabalhador cuja função é juntar ou espalhar a bagana.

*Rapai' é u maquinista né" u caba qui bota' é maquinista'...Us ôtu é fexêru é tem u caba qui trabaia na boca da máquina qui é quem tira u bagaçu né"...É u **bagacêru**'...Us ôtu sãu é é...é u maquinista' u fexêru i u caba qui trabaia na boca da máquina, (PAC – JMVS – m47NACA).*

Ver: **baganeiro, ciscador de bagana, espalha bagana, espalhador de bagana, gancheiro**.

BOTADOR DE PALHA s. m.

Transc. graf. **Butadô di paia.**

Trabalhador encarregado de inserir as folhas e palhas de carnaúba na máquina de cortar.

*...tem uns qui bota bota paia é u **butadô di paia** u cara qui bota paia na máquina... (PAC – ADRS – m19FICA).*

Ver: **empurrador de palha, metedor de palha.**

Nota: Inicialmente, o botador de palha insere as folhas do olho da carnaúba na máquina de cortar, realizando o processo de corte e armazenagem do pó branco, em seguida, o botador de palha introduz as palhas na máquina para obtenção do pó preto.

CERA AMARELADA s. f.

Tipo de cera produzida através do pó da folha do olho da carnaúba.

*...u pó du ôlhu a quantidadi deli é na faxa di quinze pur centu nu mássimu vinti' u:: a quantidadi deli é bem melho du pó di ÔLHU eli dá uma **cêra amarela:da**, (PIC – M – m40SCCE).*

Ver: **cera branca, cera de carnaúba tipo um, cera do pó do olho, cera do pó branco.**

Nota: A cera amarela é feita do pó branco e clareada artificialmente.

CERA DE CARNAÚBA TIPO QUATRO s.f.

Transc. graf. **Cêra di carnaúba tipu patru.**

Var. ms. **Cera tipo quatro, tipo quatro.**

Transc. graf. var.ms. **Cêra tipu patru, tipu patru, tipu patru.**

Tipo de cera produzida a partir do pó da palha da carnaúba, não é clareada.

*... **tipu Quatru** ... Extraída com souventi' NÃU é clariada i é fiutada com diatomita também, (PIC – LMM – f29SCCE).*

*É a tipu Quatu' **cêra tipu Quatru**'...Pois é tipu Quatru pedaçu' ela é da palha'...É tipu Quatru' cêra em iscama i tipu Quatru em pedaçu, (PIC – HEF – m25MICE).*

*É a **tipu Quatu**' cêra tipu Quatru'...Pois é tipu Quatru pedaçu' ela é da palha'...É tipu Quatru' cêra em iscama i tipu Quatru em pedaçu, (PIC – HEF – m25MICE).*

Ver **cera gorda, cera preta.**

CORTADOR s. m.

Transc. graf. **Cortadô.**

Var. ms. **Cortador de olho, cortador de palha**

Transc. graf. var. ms. **Cortadô di ôiu, cortadô di paia.**

Trabalhador encarregado do corte das folhas e das palhas da carnaúba no carnaubal.

*Corta cuma foici aí vem um i apara'...Um corta um' u ôtu apara'...U **cortadô** i u ôtu é u aparadô, (PAC – FMD – m20FICA).*

Ver: **derrubador, mateiro, vareiro**

FILTRAÇÃO s. f.

Transc. graf. **Fiutração**.

Var. ms. **Filtragem, filtramento**.

Transc. graf. var. ms. **Fiutragi, fiutagi, fiutramentu**.

Operação que consiste na purificação da cera.

*...ela é misturada com u diatomita' aí passa' pra **fiutração** nu fiutru prensa né" (PIC – LMM – f29SCCE).*

*...i a cêra' a renti joga pru tachu pra fazê a **fiutra::gi'** a cêra a renti joga pra cá::' (PIC – M – m40SCCE).*

*Fais'...A **fiuta:gi'** refinari:a i vai pá iscama' aí di lá da iscama a genti quebra ela todinha prá pá ensacá... (PIC – IMN – m57NACE).*

*Tem qui cunzinhá' cunzinhá bota nu istratô i tira a cêra' (+) aí da cêra vai pu ôtru tachu pá fiutrá aí pru **fiutramentu** aí vóuta pá iscama' somen, (PIC – FFB – m74NACE).*

FILTRO PRENSA s. m.

Transc. graf. **Fiutru prensa,**

Var. ms. **Filtro**.

Transc. graf. var. ms. **Fiutru, fiutu, friutu**.

Equipamento elétrico destinado à purificação da cera de carnaúba.

*Nãu' ela é pa:ssa:da' TODAS as cêras aqui sãu fiutradas né" elas sãu passadas pur um **fiutru PRENSA** i já misturada com a diatomita' aí nu fiutru prensa ela é retida num panu' comu si fossi uma placa di panu né" (PIC – LMM – f29SCCE).*

*U tipu du **fiutu** é: bem ah.. a cêra tá cuzinhanu né" Quandu ela tá nu pontu' a genti liga a bomba pá bomba puxá' a cêra qui rein du tachu' pá di lá ela descê pá dentru du fiutu' aí meti pá dentru du fiutu sabi"...di lá' ela vai lá pá refinaria' aí da refinaria é qui dá u pontu nela' pá vim aqui pá iscama, (PIC – IMN – m57NACE).*

*Industriau que nú **friutu** é num friutu friutadô...Tô cum dozi anu, (PIC – IMN – m57NACE).*

Nota: O filtro prensa é composto basicamente de um conjunto moto-bomba e conjunto filtrante com placas, papel filtrante, válvula de segurança e manômetro.

PÓ DA PALHA s. m.

Transc. graf. **Pó da paia,**

Var. ms. **Pó da palha, pó de palha**.

Transc. graf. var. ms. **Pó da paia, pó di palha**

Material extraído da palha da carnaúba.

*Tem mêis qui a renti trabalha com u **pó da palha'** aí tem mêis qui a genti trabalha com u pó di ôlhu,(PIC – JCP – m28NACE)*

*Da paia' a tipu QUATRU i a tipu TRÊIS' todas duas vem da paia' du **PÓ DA PAIA'** só qui uma pega u produtu qui é u peroksi né" pra clariá qui vira tipu três i a outra nãu pega, (PIC – MA – m26MICE).*

*I u **pó di palha** dá uma cêra prêta' si extraindu a a: du pó di palha vai dá cêra areno:za ou cêra gorda. (PIC – M – m40SCCE).*

Nota: Do pó da palha, fabricam-se as ceras de carnaúba tipo três, cera de carnaúba tipo quatro, chamadas de cera amarela ou cera preta.

Para facilitar a identificação e análise dos termos no glossário, codificamos os dados da seguinte forma, conforme os exemplos: (PAC – ML – m58FICA) e (PIC – LMM – f29SCCE), em que cada sigla representa: **PAC**: produção artesanal da cera; **PIC**: produção industrial da cera; **ML** e **LMM** iniciais dos nomes dos informantes; **m**: indica que o informante é do sexo masculino; **f**: indica que o informante é do sexo feminino; **58** e **29** representam a faixa etária dos informantes; **FI**: indica que o informante possui nível de instrução fundamental incompleto; **SC**: indica que o informante possui nível superior completo; **CA**: indica que a entrevista foi realizada em Catuana distrito de Caucaia; **CE**: indica que a entrevista foi realizada no centro de Caucaia.

4. ANÁLISE DOS DADOS

Para a descrição e a análise dos dados⁸ extraídos do *corpus*, considerou-se a utilização dos termos empregados nos discursos *in loco* dos informantes, relacionando as formas de discurso às características sociais a saber: tipo de trabalho desempenhado (artesanal, manual ou industrial), sexo, nível de instrução e faixa etária.

As Variantes sócio-profissionais são também conhecidas como variantes formais terminológicas de registro e correspondem aos termos provenientes de esferas profissionais ou científicas muito diferentes. São variantes provenientes da análise dos registros de língua dos informantes, em Caucaia, que exercem alguma atividade no âmbito da produção artesanal (PAC) e da produção industrial (PIC) da cera de carnaúba.

No *corpus* analisado registramos 39 variantes sócio-profissionais sendo 22 referentes à produção artesanal e 17 relativas à produção industrial. Tais variantes referem-se aos seguintes sub-domínios: produtos ou substâncias; instrumentos, objetos e utensílios; funções e profissões; máquinas e equipamentos.

Tabela 01 – Síntese das variantes sócio-profissionais da PAC e da PIC

VARIANTES SÓCIO-PROFISSIONAIS	
PRODUÇÃO ARTESANAL (PAC)	PRODUÇÃO INDUSTRIAL (PIC)
Bagana = adubo	Bagana = impureza
Cera branca = cera do olho, cerinha amarelinha, cerinha bonitinha	Cera branca = cera de carnaúba tipo um, cera do pó do olho, cera do pó
Cera preta = cera da palha	Cera de carnaúba tipo três = tipo três Cera de carnaúba tipo quatro = tipo quatro
Sal azedo	Solvente
Balde = tambor (cera branca) Caldeira (cera preta)	Extrator = aparelho
Cozinhador de cera = cozinhador de pó branco Caldeireiro = caldeirista	Operador de cera

⁸ Devido ao escopo deste artigo optamos pela análise das variantes sócio-profissionais. Reservaremos para um outro momento a descrição e análise das variantes formais terminológicas linguísticas (fonética e morfossintáticas) e das variantes co-ocorrentes (sinônimos socioterminológicos).

Quebrador de cera	Escamador
Prensador = preenseiro = preenseiro de pó branco	Filtrador
Prensa de madeira (cera branca)	Filtro prensa
Prensa de ferro	

Com os dados aqui apresentados, percebemos que as formas de dizer do universo investigado refletem, de diferentes maneiras, as condições onde são produzidas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se que, dependendo das circunstâncias, considerando-as, por exemplo, no âmbito do laboratório de pesquisas fundamentais ou no contexto de produção industrial, os conceitos variam, por mais que façam referência aos mesmos processos. Os tipos de discursos e, também, as condições de criação desses discursos condicionam as escolhas lexicais dos trabalhadores da cadeia produtiva da cera de carnaúba, visto que esses profissionais possuem formação diversificada, faixa etária e sexo diferentes e, ainda, atuam em setores distintos da produção.

O *corpus* que serviu de base de análise para a realização deste trabalho permite, outrossim, estudos relacionados a aspectos fonético-fonológicos; assim como estudos sociolingüísticos para estabelecimento de regras variáveis. O repertório socioterminográfico referente à área em foco possibilita base terminológica para glossário multilíngüe (português, inglês, francês e espanhol), tendo em vista a importância da cera de carnaúba no contexto internacional.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAGÃO, Antônio R. F. **A árvore da vida: terminologia da cera de carnaúba no português do Brasil**. Tese (Doutorado em Lingüística). Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2007.

BIDERMAN, M. T. de C. A definição lexicográfica. **Cadernos de Letras**. Porto Alegre, v. 10, p. 23-43, 1993.

BOULANGER, Jean-C.; L'HOMME, M. C. Les technolèctes dans la pratique dictionnaire générale : quelques fragments d'une culture. **Meta**. Montréal, v.36, n. 1, 1991, p. 23-40. Disponível em : <http://www.erudit.org/revue/meta/1991/v36/n1/index.html>. Acesso em: 23 jan. 2006.

COLLETTA, Jean-M. La terminologie spécialisée et ses effets au tribunal pour enfant. **Langage & travail. Aspects terminologiques des pratiques langagières au travail**. Paris, n.7, 1993, p. 22-34. Disponível em : <[http : //www.langage.travail.crg.polytechnique.fr/publications.htm](http://www.langage.travail.crg.polytechnique.fr/publications.htm)>. Acesso em 30 fev. 2006.

DELAVIGNE, Valérie. Approche socioterminologique des discours du nucléaire. **Meta**. Montréal, v. 40, n.2, 1995, p. 308-319. Disponível em : <http://www.erudit.org/revue/meta/1995/v40/n2/index.html>. Acesso em: 23 jan. 2006.

DESMET, I. A análise do sentido em terminologia: teoria e prática da definição terminológica. **Traduterm**, 8, 2002, p. 169-188.

DUBUC, R. **Manuel pratique de terminologie**. Québec : Linguatex, 1985.

FAULSTICH, Enilde. Socioterminologia: mais que um método de pesquisa, uma disciplina. **Ciência da Informação**. Brasília, v.24, n. 3, 1995.

FERREIRA, Raimundo R. **Para um vocabulário semi-sistemático da cultura e da indústria da rede de dormir e um estudo dos movimentos sógnicos constitutivos de sua linguagem.** Dissertação (Mestrado em Lingüística). Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 1997.

GAMBIER, Yves. Problèmes terminologiques des “Pluies acides”: pour une sócio-terminologie. **Meta**. Montréal, v.32, n.3, 1987, p.314-320. Disponível em : <http://www.erudit.org/revue/meta/1987/v32/n3/index.html>. Acesso em: 23 jan. 2006.

GAUDIN, François. La socioterminologie : présentations et perspectives. **Langage & Travail. Aspects terminologiques des pratiques langagières au travail**. Rouen : Université de Rouen, n.7, 1993, p.6-15.

JUSTINIANO, A. L. **Vocabulário da erva-mate no Cone Sul de Mato Grosso do Sul.** Dissertação (Mestrado em Lingüística) .Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, Três Lagoas, 2005.

LERAT, Pierre. La pratique terminologique dans le domaine du droit. **Langage & travail. Aspects terminologiques des pratiques langagières au travail**. Paris, n. 7, 1993, p. 16-51. Disponível em : <[http : //www.langage.travail.crg.polytechnique.fr/publications.htm](http://www.langage.travail.crg.polytechnique.fr/publications.htm)>. Acesso em 30 fev. 2006.

SILVA, Moisés B. **A Terminologia do Sal no RN: Uma abordagem Socioterminológica.** Dissertação (Mestrado em Lingüística) Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2007.

VASCONCELOS, Alessandra M. M. **Glossário da terminologia do caranguejo: uma perspectiva socioterminológica.** Dissertação (Mestrado em Lingüística). Universidade Federal do Pará, Belém, 2000.

VELASCO, Ideval. O léxico da pesca em Soure – Ilha do Marajó. RAZKY, Abdelhak (org.). **Estudos Geo-sociolingüísticos no Estado do Pará**. Belém: UFPA, 2003.p.155-171.